

1968

O Riso e as Lágrimas

CIDADE está empolgada com a atuação de Maria Guida no «Show sem limite», respondendo sobre a vida de Machado de Assis. dez etapas que lhe poderão proporcionar um prêmio no valor de cerca de quinze mil cruzeiros. Isto é, o custo de instrumental para a gravação de um conjunto para música moderna, em guitarras, baterias, etc. Em se tratando apenas de minúcias biográficas e as respectivas perguntas, excluídas as perguntas sobre a obra do autor de «Dom Casmurro», as provas semanais de Maria Guida exigem dela, sobretudo, uma exatidão de memória, qualidade que a candidata demonstra possuir, e do que faz uso de absoluta confiança nos seus próprios recursos. Essa confiança transmitiu a Maria Guida, desde as primeiras etapas, uma fascinante maneira de rir num esbanjamento de juventude, de grandes horizontes intelectuais, como o acompanhamento musical da palavra fácil e do pensamento exato. O riso consciente de Maria Guida é louvado por diversas vezes nestas crônicas. sinalou-se aqui, também, que aquele riso estava ficando mais raro na medida em que as perguntas tornam-se mais difíceis. E, nesta semana, o riso se transformando numa expressão de pânico diante de uma falha de memória que quase derrotou a candidata, para terminar em lágrimas incontroladas e impacientes. A sexta etapa foi vencida com dificuldade mas, diga-se com justiça, sem ajuda do inquiridor Jota Silvestre. Na realidade, o incidente não deixou sombra de pessimismo nos espectadores, ao contrário, maior é a esperança e nos inspiram as próximas atuações de Maria Guida na televisão. Que ela tenha serenidade para continuar confiando na sua prodigiosa memória é o que esperam os telespectadores do Ca-

fique como colorido encantador de «suspense», apenas na lembrança do público. A dificuldade das perguntas será maior nos próximos programas. Estamos na época dos desafios. Então, Maria Guida? Vencer e ganhar o instrumental. Vencer e rir, e sorrir e até chorar porque as lágrimas do triunfo serão risos e sorrisos dos olhos na contemplação dos caminhos percorridos em busca da glória.

A HORA DA MODINHA

Dentro do grande vazio que é a televisão para os comentaristas especializados, surgem alguns raros momentos de enlêvo que não cabem numa crônica mas motivam alguns breves comentários. Nesta semana ouvi a cantora Marília Barbosa (penso ter guardado certo o seu nome) interpretando a «Modinha» de Sérgio Bitencourt. Poucas músicas, como a «Modinha», me causam sempre emoção apesar de desgastadas nas paradas de sucessos do rádio. A «Modinha» é linda e eterna como poucas outras canções brasileiras. Marília Barbosa é uma cantora em início de carreira, ainda não adquiriu a atroz e dura personalidade de muitas das suas colegas. Marília é ainda indecisão e graça e como isso é novidade na televisão! Se a leitora está sofrendo um momento de tédio, queira ouvir a «Modinha» cantada por Marília ou Taiguara, ou por qualquer artista capaz de traduzir a mensagem sentimental da música. Vale a sugestão.

MOVIMENTO

Foi publicada uma rígida disciplina para o trabalho dos locutores de rádio e televisão durante a visita da rainha Elizabeth. E viva a In-

PROGRAMAS



Elza Soares

figuras mais constantes nos programas da TV-Tupi, reclamam alguns leitores. A Juventude da Barra da Tijuca está colecionando com entusiasmo os retratos dos «maiores da música popular» publicados pelo DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Agradeço convite para as comemorações do 25º aniversário da Associação Artística Mathilde Bailly, dia 11 de novembro, com um recital a cargo de Antonieta Fleury, Nilza Drummond e Theodor Knorpp. O boletim da Rádio Suécia divulga o endereço de uma instituição que quer enviar pequenas lembranças de Natal às crianças brasileiras: Jultomten - Svanborg - Stockholm 24, Suécia.